

Jornal do Brasil

14/2/2002

A saga da miséria

Cortadores de cana de Guariba, em São Paulo, tentam nova vida

CRISTINA SANTOS

no.com.br

Pela primeira vez, em 41 anos de vida, Mateus Mello prepara um pedaço de terra para receber sementes de milho e soja. Vão render a primeira safra de sua propriedade de 3,5 hectares, localizada a poucos quilômetros de Guariba, cidade onde nasceu, no interior de São Paulo.

Nos últimos três anos, Mateus lutou, com 47 famílias de Guariba, para dar outro destino aos filhos que não fosse cortar cana. Os pais eram migrantes do norte de Minas e os 21 irmãos sucumbiram aos canaviais, cansados, sem dinheiro, feridos com o facão, vítimas de reumatismo.

A terra que ocupa hoje é parte de um dos seis acampamentos montados sobre antigas propriedades do governo do Estado, entre Ribeirão Preto e São José do Rio Preto. São, na maioria, famílias de Guariba — cerca de duas mil, segundo o Sindicato dos Trabalhadores Rurais da cidade. Trocaram o corte de cana pela invasão de terras.

"Cortar cana não é vida para ninguém", diz Mateus. Ele conta que, em um mês, cortava uma área equivalente à terra onde mora. Ganhava apenas o suficiente para matar a fome. "Nem se parasse de comer e juntasse tudo o que ganhei em 20 anos nos canaviais teria o que tenho hoje", comemora, apontando o terreno, enquanto prepara a terra, feliz por poder dispensar os filhos do trabalho e mandá-los para a escola.

Mateus integra um grupo de segregados que ultrapassa os limites de Guariba e avança pelo interior paulista. Ele é um retrato da exclusão social que resultou da mecanização dos canaviais somada à falta de qualificação profissional.

Em Guariba, a situação desses trabalhadores rurais é mais grave. Por quase duas décadas foram marginalizados. A cidade, de 30 mil habitantes, a grande maioria migrantes mineiros, foi palco de um dos maiores confrontos entre Polícia Militar e cortadores de cana. Usineiros deixaram de contratar a mão de obra local.

"Tínhamos que mentir o endereço, procurar emprego a mais de 100 quilômetros de distância", conta Sílvio Dias, de 38 anos, rejeitado pelas usinas. "O trabalhador de Guariba ficou com fama de arruaceiro e ninguém contrata gente desta laia." Sílvio não resistiu, mudou-se para Ribeirão Preto e hoje trabalha na construção civil.

Cercada por canaviais, Guariba tomou-se à força um centro de conquistas sociais. Em 1984, as usinas tentaram aumentar a produtividade do corte da cana sem reajustar a remuneração. Na mesma época, as contas de água ficaram mais caras, porque passaram à arrecadação estadual. Foi o estopim para o confronto. Prédios públicos foram apedrejados e carros de polícia incendiados. O saldo, 30 feridos e um morto por uma bala perdida da PM do governo Franco Montoro.

O conflito deixou seqüelas. Os migrantes de Guariba perderam a chance de emprego. As vagas eram preenchidas por trabalhadores temporários. As usinas foram obrigadas a assinar carteira e, pela primeira vez, negociar com sindicatos o pagamento do bóia-fria. Investiram em

mecanização. As vagas diminuíram e surgiram bolsões de miséria em torno da cidade. Na próxima safra, estima-se que a região de Guariba — que tinha 70 mil cortadores de cana em 1984 — não empregue mais de 20 mil.

Segundo a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), quase um terço dos habitantes de Guariba estão desempregados. Mesmo assim, as usinas continuam importando trabalhadores. "Cada vez trazem trabalhadores de mais longe ganhando menos", denuncia o secretário-geral do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, Isaías Alves da Silva, de 31 anos, migrante do norte de Minas, ex-cortador de cana. "No ano passado uma usina trouxe 300 pessoas do interior do Maranhão. Pagaram menos da metade do que um trabalhador daqui receberia".

O prefeito de Guariba, Hermínio de Laurentiz Neto, diz não acreditar que o confronto de 18 anos atrás seja a causa do desemprego. "Hoje conta mais no bolso das usinas o preço pago para colher a cana." Sem negar a fama guerreira de Guariba, o prefeito quer usar a história para recuperar a cidade. "Vamos faturar em cima desta marca", diz.

Uma reunião que discutiria em janeiro os direitos do cortador de cana foi transferida para abril. A data foi calculada pelo prefeito. "Com o início da safra de cana, podemos dar a ela projeção nacional", planeja. E quer mais. Apóia o trabalho do sindicato para qualificar o trabalhador e realiza um mutirão para reduzir o analfabetismo na cidade que, segundo o IBGE, chega a 17%, o maior índice da região. Acha que o corte manual da cana é trabalho em extinção e pensa em atrair novas empresas para a cidade.

Na outra ponta, o sindicalista também apela ao passado. Garante que a ocupação de terras é a saída para o cortador de cana sem emprego. "O trabalhador de Guariba é um lutador", justifica Isaías da Silva.

(Página 2)